

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Artes Graduação em Artes Visuais

Laís Tírigo Felizatti

TRANSBORDA

Uberlândia

2018

Laís Tírico Felizatti

TRANSBORDA

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, conforme exigência para a conclusão do curso.

Orientação: Prof.^a Marcia Franco dos Santos Silva

Uberlândia

2018

Laís Tírico Felizatti

TRANSBORDA

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, conforme exigência para a conclusão do curso.

Uberlândia, 03 de Julho de 2018.

Banca examinadora:

Prof.^a Marcia Franco dos Santos Silva

Prof. Ms. Maria Carolina Boa Ventura

Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão

Agradecimentos

Agradeço a todos que me ajudaram durante o processo de construção desse trabalho, em especial, meus pais e irmã.

A Marcia Franco, minha orientadora, por toda a paciência, dedicação ao trabalho, conselhos e correções.

A minhas amigas, Maiza Tuissi, Winnie Gomes, Lainani Martins e Valéria Reis que auxiliaram oferecendo sua companhia e ânimo para que tudo ocorresse bem.

RESUMO

O presente texto busca apresentar uma reflexão sobre o trabalho artístico *Transborda* que possui como temática as ligações entre o eu e o exterior. Utilizando-se da instalação de gravuras estabelecendo uma narrativa que envolve as questões ligadas as impressões e materialidade dos estados da mente.

Palavras-chave: Instalação, gravura, impressões, estados, materialidade.

ABSTRACT

The following paper seeks to present a reflection about the artistic work *Transborda* which theme is the connections between oneself and the exterior. Using a installation of engravings establishing a narrative which involves questions linked to the impressions and the materiality of your states of mind.

Keywords: engravings, impressions, states, materiality

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1: <i>Transborda</i> , 2018	6
Figura 2: <i>Transborda</i> , 2018.....	7
Figura 3: <i>Transborda</i> , 2018	7
Figura 4: <i>Transborda</i> , 2018.....	8
Figura 5: <i>Transborda</i> , 2018.....	8
Figura 6: Cláudio Mubarac, 2004	15
Figura 7: Cláudio Mubarac, 1989	16
Figura 8: João Oliveira, Os sentimentos vastos não tem nome	18
Figura 9: Renina Katz, O vermelho e o negro	19

SUMÁRIO

Introdução	1
1. Sobre o trabalho	4
1.1 Marcações Gravações e experiências laboratoriais	4
1.2 Impressões e transferências	12
2. Gravadores- gravuras de outros que marcam <i>Transborda</i>	14
Considerações Finais	20
Referências Bibliográficas	28

Introdução

Esta é a sensação que permeia o corpo e faz com que os olhos circundem qualquer que seja o ambiente em que se esteja, o que procuram torna-se mistério à mente consciente. Não há nada de errado, quem sabe algumas pessoas sentadas conversando, um espetáculo acontece, uma aula, um bar, um ambiente de trabalho ou doméstico tranquilo. A mão treme, o coração palpita e o ar falta por um instante. No começo é possível que esta situação passe despercebida, a mente volta rapidamente ao seu lugar de centro, observa que realmente não há nada de errado, mas com o tempo essa sensação torna-se mais pesada, mais presente e materializa-se como uma impressão crescente de que há algo de errado, apesar de todos os indícios, de haver uma calma e até a delimitação de um espaço pessoal.

O crescente deste sentimento vai surgindo com o tempo, a esquivar de um convite social ali, de um lugar mais cheio, de um ambiente que começa a tornar-se insuportável pela rotina estabelecida, fuga incessante do convívio que à primeira vista parece inofensivo até o ponto em que a ausência começa a ser notada pelas pessoas mais próximas. Um constante mandar-se e forçar-se a fazer e ir a lugares nos quais já se sabe que haverá certa sensação de desconforto, até que isso se torna difícil e exista uma desistência, um não fazer, um não ir e um privar-se.

Essas sensações podem em um primeiro momento serem fonte de bloqueio e de insatisfação, no entanto, podem proporcionar o necessário para que a criação artística se realize, apesar de todas as dificuldades que impõe-se com elas, assim sendo, essa foi o princípio de *Transborda*. O processo iniciado para a construção do trabalho apresentado perpassa por esses momentos, por sensações de desconforto e inquietações que apresentam como fonte o que os psicólogos se referem como transtornos mentais. Há no trabalho a busca por uma relação subjetiva de entendimento dessas sensações como um transbordamento de sentidos e visualidades internas.

O trabalho intitulado *Transborda* se apresenta como uma instalação de um conjunto de 8 gravuras em metal suspensas no espaço que se espelham da metade para frente criando sensação de uma partida e um retorno. Cada gravura apresenta um espaço branco, ocupando uma pequena área lateral da imagem, e um negro que ocupa o restante, e que se conectam por meio de traços abertos sobre a superfície da matriz de ambos os lados, portanto os traços saem dessas extremidades

efetuando pequenos fracionamentos e craquelamentos que se unem ao centro da matriz. *Transborda* apresenta assim na primeira parte dos quadros imagens únicas que ao repetirem-se ao final criam o espelhamento e, portanto uma ideia de narrativa e ciclo.

Christian Dunker¹ (2018) aborda, tais como os transtornos e desordens que conectam-se com estudos como a depressão, a ansiedade crônica e a síndrome do pânico, e abre na psicologia a discussão para mais do que livros de diagnósticos com nomes de transtornos e doenças. O autor examina as questões internas do ser e as terminologias usadas para descrevê-las, sendo que essas passam pelas relações do dentro e do fora, da individualidade ao externo, por meio de um encontro entre esses. Tais estados do ser são evocados por meio de uma narrativa abstrata exposta em *Transborda*.

As questões internas do ser abrem oportunidades de pensamento sobre *Transborda*, por exprimir esse dentro e fora, essas desordens e transtornos relacionando-os a fatores narrativos e imagéticos que dizem respeito ao encontro entre os espaços físicos e mentais. A narrativa proporcionada pela fruição das gravuras que compõe *Transborda* é utilizada para salientar esse encontro de meios, evoca o percurso realizado dentro do próprio fazer artístico e suas motivações que envolvem as questões relativas ao próprio sentir e estar no mundo subjetivo.

Segundo Dunker (2018), nossa visualidade depende muito mais de nosso interior e nossa interpretação da realidade do que necessariamente dessa realidade em si; temos assim, uma relação que se estabelece entre o eu e outro em que o fator dominante se encontra encerrado dentro do sujeito.

A narrativa é importante para a compreensão dessas relações pois é por meio dela que a conexão se fecha sobre o corpo do sujeito que se abre e encerra-se dentro de si, abrindo espaço para outras considerações e questionamentos, como o que é essa interioridade e exterioridade. A abertura de questionamentos sobre a história interior de cada um que por meio da abstração do corpo como um espaço negro e que se abra em linhas brancas mostra um vislumbre desta individualidade corrompida, mas que busca manter-se, sustentar-se dentro de si e manter um

¹ psicanalista, professor titular do Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo (USP)

distanciamento que atravessa as a materialidade de nossos pensamentos quando consistem em ações.

As considerações sobre as desordens, a impressão de que existe algo de errado, sobre o desconforto e a privação do convívio social, as questões internas do ser e as relações interatividade e de exterioridade impulsionaram-me ao processo criativo, segundo Cecilia Almeida Salles sobre a criação de uma obra, o artista encontra-se imerso por questões que colocam-se sobre ele de maneiras diversas e que por alguns momentos não possuem forma definida, se constitui forma ao materializar-se em obra. *Transborda* é elaborado a partir da percepção em que as sensações se materializam fortemente no meio físico, passando das visualidades interiores para as relações sociais e conexões entre individual e ambiente externos.

A temática surge de um incomodo relativo a essas inquietações que partem de mim como sujeito e encontram ressonâncias no exterior, ou seja, no encontro com as experiências observadas no cotidiano onde pessoas próximas passam por situações de conexão e desconexão nas relações consigo mesmo e com o mundo exterior.

Dessa forma, *Transborda* constrói-se para ser um autoexame de questões internas que percebo também ao meu redor como parte da vida de pessoas próximas. Em outros artistas, como Cláudio Mubarak e Renina Katz, encontro um processo criador ensimesmado e voltado para o corpo e suas narrativas estimularam as reflexões relativas ao processo criativo e a estabelecer as ligações necessárias entre as questões motivadoras do trabalho, tais quais as sensações e impressões, entendo que esse faz-se por meio dessas.

Capítulo 1: Sobre o Trabalho

Segundo o artista e professor Marco Buti², a concepção de uma gravura, antes de ser procedimento técnico, é uma junção de uma intensa atividade mental em que o artista busca dentro de si por referências, influências, desejos, anseios, memórias, reflexões e pensamentos que por meio da técnica materializaram a obra (BUTI, 2002). Essa obra será feita de maneira indireta sobre uma matriz que por meio de marcas será utilizada para através da impressão transferir o desenho para uma superfície, como papel, tecido e etc.

Mesmo que um observador poste-se ao lado do artista ele só poderá presenciar os aspectos mais técnicos e não todos os processos mentais que o artista utiliza. Sendo assim, ele observará uma gravura genérica, os procedimentos técnicos gerais que podem formar qualquer gravura, e ao final dos procedimentos a gravura particular que é a obra pronta e já impressa sobre a superfície escolhida.

Neste capítulo abordarei os procedimentos técnicos utilizados na elaboração da instalação *Transborda* divididos em duas partes, das marcas e incisões na matriz e na sequência sobre das impressões e transferências.

1.01- Marcações, gravações e experiências laboratoriais

Nos processos que envolvem o fazer artístico temos a ligação entre o pensamento e a ação prática; na gravura esses dois ligam-se por meio das marcas feitas na superfície de uma matriz, que em *Transborda* é de metal, mais especificamente o cobre. A experiência laboratorial é extremamente rica para o gravurista em sua produção e delimita o seu fazer por meio das escolhas de técnicas. apresento algumas a seguir.

As marcas e incisões aparecem na gravura em metal de diversas maneiras, podendo ser feitas de maneira direta e indireta. Na forma direta temos a ponta seca e o buril, quando uma ponta

² Gravador, desenhista e professor doutor da Universidade de São Paulo (USP).

metálica desenha diretamente sobre a placa. Na forma indireta, na técnica da água-forte é utilizado um verniz sobre a placa, sobre o qual se desenha, abrindo essa superfície com o auxílio das pontas metálicas mencionadas acima. Posteriormente a matriz é imersa no mordente a corrosão formando as marcas que originarão as linhas da gravura.

Na técnica da água-tinta é possível criar sombras utilizando uma resina chamada breú que apresenta-se em formato de pó e pode proporcionar diferentes texturas conforme o tamanho do grão. Neste procedimento é passada uma camada dessa resina que será fixada por meio do aquecimento da mesma. Posteriormente a matriz é imersa no mordente para que as texturas e manchas fixem-se por meio da corrosão.

Na produção do trabalho *Transborda* utilizei-me de uma mistura dos elementos expostos acima para conseguir a imagem desejada. Trabalhei no laboratório primeiramente fiz uma cobertura com a resina em pó do breú bem fina, utilizando-me da caixa de breú, sobre toda a placa e a imergi no mordente, percloreto de ferro ao tempo máximo de corrosão para conseguir a tonalidade de preto mais escura que a técnica me permitia. Após esse procedimento imprimi alguns testes para observar se a tonalidade havia alcançado as expectativas, pois sendo a gravura uma técnica indireta realizada sobre a matriz nem sempre o resultado obtido é o esperado, sendo necessário a utilização de outras técnicas.

Após esse processo verifiquei que no centro da placa ainda haviam alguns pontos mais brancos e acinzentados, assim optei pelo uso da roleta para padronizar a tonalidade, para que ficasse o mais uniforme o possível. Depois desses procedimentos tirei novamente um teste de estado para observar as tonalidades da placa chegando à conclusão de que havia atingido o ponto ao qual desejava para prosseguir com as demais marcações.

Utilizei-me de um amassador para por meio da pressão para abrir brancos na placa, baseado em esquemas de desenhos previamente feitos tanto no digital, como no papel. Aos poucos a abertura de brancos que formaram ao longo do processo algumas sombras mais claras dando uma profundidade a qual eu não esperava, mas que achei bastante proveitosa para o trabalho.

A gravura foi realizada gradativamente, sendo necessárias várias impressões de estado para observar se as áreas brancas haviam sido abertas de fato. Esse fato é de importância para o trabalho,

pois é por meio dessas marcações que indicarei o começo do processo e a possibilidade da narrativa que este abre.

As imagens abrem a possibilidade da narrativa através do uso de apenas uma matriz que ao ser alisada no processo do amassamento da textura abre caminhos que ao início parecem separados entre si. Este caminhar lento que acontece conforme as impressões são tiradas trazem um pensamento sobre fragmentações e conexões do dentro com o fora.



Figura 1: *Transborda*, instalação, 2018.



Figura 2: *Transborda*, instalação, 2018



Figura 3: *Transborda*, instalação, 2018.

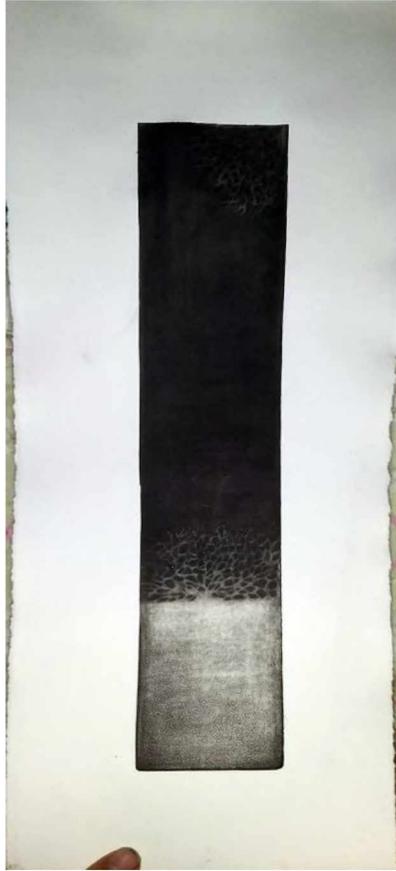


Figura 4: *Transborda*, gravura em metal, 42.1 cm x 16.3 cm, 2018.



Figura 5: *Transborda*, detalhe.

Pensei essa narrativa considerando que os espaços brancos, da mesma forma que são abertos pelo amassador, também estão se abrindo ao representar as duas metades que se unem. Essas metades podem ser vistas de vários ângulos pelo espectador que poderá sentir que o representado é tanto um corpo marcado quanto um deslocamento de terra. O poema de Carlos Drummond de Andrade³ (2006), *O áporo*, veio-me a memória para compor o pensamento sobre esse encontro de algo que vem de dentro para fora. A seguir exponho o poema para analisá-lo em seguida:

O áporo

Um inseto cava

Cava sem alarde

Perfurando a terra

Sem achar escape.

Que fazer, exausto,

Em país bloqueado,

Enlaço de noite

Raiz e minério

Eis que o labirinto

(oh, razão, mistério)

Presto se desata

³ Poeta, contista e cronista brasileiro

Em verde, sozinha,
Antieuclydiana,
Uma orquídea forma-se

Neste poema podemos observar que a narrativa de um pequeno inseto que cava calmamente a terra para tentar chegar até a superfície, entretanto não há saída e o personagem encontra-se no meio do seu caminho que está bloqueado, preso em um labirinto de possibilidades e que apenas alcança a superfície por meio de uma orquídea antieuclydiana, ou seja, uma resposta que não é matemática.

A narrativa do poema liga-se à obra “*Transborda*” pois essa apresenta-se como uma figuração das imagens propostas que assimilam-se a caminhos feitos por baixo da terra e mostram-se como um labirinto a ser desvendado para que as duas extremidades se encontrem. A obra compõe-se por 8 quadros expostos suspensos formando uma pirâmide que sobe e desce. A imagem que desenvolve-se é uma conexão entre um espaço vazio que representaria um fora e um espaço interior. Pequenos caminhos amassados unem ao longo dessa escada para ir e voltar até o começo em cada extremidade de modo que a unidade se reestabelecesse após a fragmentação.

Essas fortes conexões demonstram uma estabilidade dentro de uma instabilidade, assim como uma imaterialidade que a narrativa busca afirmar ao longo do seu trajeto. As marcas visíveis e invisíveis a esse corpo que sofre deslocamento, que ao mostrar-se quadro após quadro da obra compõe uma história abstrata sobre um corpo. Procuro estabelecer um panorama sobre as possibilidades das marcas que são características expostas pela matriz que ao contrário das impressões continuará marcada mesmo após a realização da tiragem do número de cópias para a composição.

Buscando reflexões sobre marcas deparei-me com o artista João Oliveira. Ao descrever o processo de marcação das matrizes, o artista o relaciona às marcas do corpo e da vida. Segundo ele:

Riscar uma superfície ou moldar nosso corpo sobre esta é uma experiência que nos coloca a prova sobre a resistência e a fragilidade que enfrentamos ao longo de nossa existência. Assim também são

os materiais que inserimos ou tocamos, nos quais os contatos e interações estão subordinados ao espírito e à psique. Contudo, mergulhados em um caldo social, algumas vezes emergimos até a superfície-borda para tentar percussão outras realidades, aquelas que estão além, mas que estão em conexão com o aqui dentro. (OLIVEIRA, p. 3, 2016)

Ao refletir sobre o proposto por ele, posso entender que nosso corpo abre-se para novas experiências por meio das marcas feitas sobre nossa psique. Essas marcas tão visíveis ao serem expostas através do trabalho artístico podem ser invisíveis a um observador desatento, pois são imateriais e também uma forma de demarcação de espaços entre o eu e outro, ou seja de diferenciação.

A reflexão toma outras proporções ao examinarmos as indagações feitas no texto *Dentro, Fora, Transfora* do professor e psicólogo Christian Dunker, onde o autor informa sobre como a psique interage de forma dinâmica com o que apresentado de fora, sendo que este em sua grande maioria sempre passa pela nossa compreensão de mundo, ou seja, a percepção que temos de determinada situação. Pode-se pensar sobre estas questões de forma ao atentarmos para as relações que estabelecemos entre nós e o ambiente em que nós encontramos levando em consideração diferentes conceitos como o de desordens e marcas.

As doenças mentais não são mais doenças, se é que um dia teriam sido. Hoje elas se chamam “*disorders*”. A desordem tem duas figuras fundamentais. Há aquilo que está fora de ordem porque “*saiu da ordem*” e, portanto, pode ser reconduzido de volta, ou seja, pode ser recuperado, reabilitado, reordenado, administrado ou incluído.

Mas há o que está porque é “*contra a ordem*”, aquilo que ameaça seu princípio de constituição e, portanto, deve ser destruído ou, mais grave ainda, não tendo direito à cidadania, deve se tornar um ente desprovido de existência.

O autor descreve vários conceitos relativos as desordens como uma forma de categorizar esses pequenos desvios feitos pelos significados expostos por essa troca de conceitos entre as doenças e as desordens. Pode-se pensar que a visualidade colocada sobre esses torna-se diferencial. O autor toca em pontos como a percepção que expressa-se de forma a sobrepor a visão individual ao que expõe-se aos sentidos mostrando-nos que são frutos de uma interpretação da consciência.

Para abordar essas temáticas devemos entender por consciência o que no geral a psicologia e o dicionário expõe sobre essa abordando o tema pelo viés de um nível de vida mental que o indivíduo tem relativo as percepções ou ainda como fase subjetiva de uma parte de processos físicos que se produzem no sistema nervoso. Entendendo que essa de maneira geral como a forma como observamos o mundo para nos relacionarmos a ele.

A essas questões relacionaremos as questões das marcações feitas sobre a matriz e as de trajetos individuais que compõe os aspectos gerais da obra como uma narrativa no sentido de contar-nos sobre os fatores que interagem no dentro e no fora. A narrativa estabelece-se por meio das marcas que com o passar dos quadros aumentam e mostram uma junção de um corpo abstrato aos seu exterior.

As marcas são importantes nesse sentido, pois abrem questionamentos sobre o que podemos ver e o que não podemos sendo que ao fim do processo narrativo existe por parte da imagem um retraimento aparente das mesmas que não conecta-se a realidade exposta pela matriz onde estas permanecem fazendo com que a narrativa soe de uma certa forma como sendo ficcional, no sentido em que esta realiza-se apenas por meio da impressão.

1.02- Impressões e transferências

E o que são impressões? Essa pergunta abre dentro de si vários significados que ao serem colocados podem interligar a temática da mente ansiosa com o fazer da gravura. Estes significados seriam relativos a generalidade da palavra que abarcaria algo que está marcado por pressão, bem como na gravura que especificamente lida com a transferência da imagem por meio de pressão da matriz para o papel, e no sentido psicológico significaria algo que configura um ponto de vista e um estímulo a sensibilidade de um indivíduo ou reação do cérebro ao ser estimulado. A impressão aparece no trabalho de forma a materializar em imagens comportamentos de fuga gerados por uma ansiedade que a um primeiro momento não se explicam, mas que podem conectar-se com o fazer de uma gravura por meio dos seus processos técnicos e teóricos que perpassam o fazer em seu sentido de marcas e transferência, algo que compreende material e imaterial, que abre questionamentos sobre como estados mentais passam para a materialidade do mundo por meio de expressão e repetições de padrões.

As impressões tornam-se importantes para o processo do trabalho Transborda, pois é nesse sentido que ele materializa-se enquanto proposta que realiza-se, é por meio dessas que no quadro a quadro as questões narrativas encontram-se destacadas ao enfatizarem o processo criativo e seu percurso mais fisicamente o que pode não ser tão facilmente observado pela matriz que como já foi observado acima continua com todas as marcas feitas. Enfatiza-se nesse fato, mais um fator determinante do processo que relaciona-se ao que pode ser visto, ou seja, as impressões que

mostram a narrativa do ir de fora para dentro e de dentro para fora como algo que pode ser retornável, ou seja, pode possuir seu processo inverso estabelecendo um ir e vir que não seria uma constância em comparação com essa matriz em que esse fenômeno demonstra-se imutável a partir do momento que já aconteceu, uma marca que não possui um real retorno.

Dessa questão, podemos tirar as questões do visível e invisível que podem ser observadas ao atentarmos-nos a esses detalhes relativos a marcação das placas relacionando as questões relativas as marcas individuais de cada um que aparecem como algo que para os efeitos do exterior parecem que podem apagar-se com o efeito do tempo que é o que expressa a narrativa abordada durante esse processo criativo, mas que em última instância aparece para o sujeito apenas como algo que não pode ser visto por um coletivo após a passagem de um determinado tempo.

Essa forma de contar uma história por meio de uma criação abstrata expõe que Transborda não é apenas um trabalho que expressa inquietações e sensações individuais, mas também uma certa narrativa que pode ser observada em diferentes momentos e diferentes pessoas, pois passa por questões de conexão entre um mundo exterior, um interior e suas marcas que podem ser observadas por um determinado momento, aparentemente passam a desaparecer, mas continuam sempre presentes mesmo que não visíveis por meio de uma exteriorização que nesse caso é demonstrada pelas impressões.

Capítulo 02- Gravadores- gravuras de outros que marcaram *Transborda*

O processo criativo de *Transborda* foi norteado pelo trabalho de alguns artistas que por meio de suas produções nutriram o trabalho com ideias e questões tanto nas questões técnicas e poéticas. Esses artistas foram Cláudio Mubarac, João Oliveira e Renina Katz.

O gravador e professor Cláudio Mubarac que em sua exposição intitulada *Objetos Frageis* expõe imagens de fragmentos do corpo por meio de desenhos e raios X que se integram com imagens de traçados e corrosões “acidentais” na matriz. Esse encontro produz uma série que por meio do incômodo das partes faz-se sentir enquanto fragmentação e fragilidade do corpo e do indivíduo. Um detalhe importante destas obras do artista é a utilização do verniz mole que molda as digitais do artista sobre a matriz demonstrando uma presença deste na imagem impressa.

Pode-se observar nas imagens a presença de composições com uma ou mais imagens colocadas lado e lado e que se repetem ao longo das impressões. No livro da curadoria da exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo no texto escrito por Tadeu Chiarelli, este conta como a produção do artista foi influenciada pelos momentos tortuosos da década de 90, tanto num cenário político nacional e internacional, apontando para uma falta de esperança com o final do que este denomina utopia político-sociais e artísticas.

Chiarelli (2006) aponta que para aquele momento o voltar-se para o corpo e suas fragilidades teria como um objetivo mais efetivo tentar entender um movimento de indignação com a própria impotência ou incapacidade de modificação das situações por meio do esforço pessoal. Dessa forma, pode-se entender que nesse momento algumas produções artísticas debruçaram-se sobre si mesmas e a figura deste artista desolado com seu corpo e mente fragilizados. Como o teórico descreve:

Ao mesmo tempo em que colocam novos desafios à sociedade e aos artistas, esses problemas traziam uma sensação de impotência ou impossibilidade de transformação efetiva da realidade do entorno. Talvez aí esteja uma das razões para voltar-se para as indagações sobre o corpo e sua fragilidade, para a exploração da impossibilidade de transcendência da matéria, para o vazio e para a sensação de incomunicabilidade da vida, elementos que caracterizam a produção mais recente.(CHIARELLE,2006)

Dessa forma, a produção do artista relaciona-se com a fragilidade do corpo e da própria vida, pois os dois existem apenas na presença do outro. Esse impasse colocado vem com uma revisão de épocas posteriores a essa e pode-se compreender que alguns artistas tenham explorado a temática com base em indagações sobre tempos sobrepondo-os e refletindo sobre a relação que possuem. Essa temática que foca-se nesse estado mental e corporal afetaram o *Transborda*, pois este engloba o mesmo tipo de relação com as imagens que busco desenvolver e mostra possibilidades de composição e junção entre as mesmas.



Figura 6: Cláudio Mubarac, 2004, fotogravura, água-forte e fotografia, 2 impressões: 15 x 9,5 cm/ 30 x 30 cm/ 36 x 45,5 cm- da suíte SOBRE A DANÇA DA MORTE (nº2)

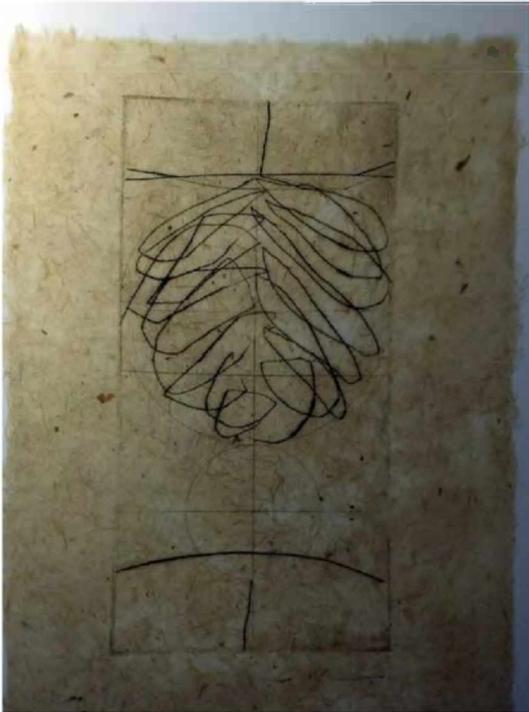


Figura 7: Cláudio Mubarac, 1989, ponta-seca e buril, 20 x 10 cm mancha impressa/ 27 x 18 cm suporte – da suite SOBRE A DANÇA DA MORTE (nº 1)

Transborda conecta-se com esses trabalhos pelo viés do corpo e de sua fragilidade a medida que trabalha com sua abstração física através da representação do espaço de dentro e de fora, enfatizando por meio do trabalho com a imagem a fragmentação do mesmo. Outra relação que se estabelece é a da construção desse corpo enquanto espaços preenchidos e vazios que foi pensada considerando a produção do artista que enfoca a construção da linha para a do desenho, tornando-a sintética. No mesmo livro, em texto de Sônia Salztein(2006):

Diferentemente, o que está em jogo nestas gravuras é realizar a capacidade de síntese e o viés construtivo do desenho, isto é, a capacidade -própria à linguagem do desenho- de generalizar e de permanentemente afirmar-se como experiência autocongnitiva da visão.

Segundo Salztein, o artista busca por meio dessa construção da linha uma relação de síntese e expressividade do mesmo e a relação que esse estabelece com espaço que ocupa na folha de papel por meio das questões relativas ao fato que esses não encerram os corpos representados dentro de si mediante ao não fechamento dos traços que o compõe.

Outro artista relevante para o processo foi João Oliveira que por meio das séries apresentadas busca uma ligação da subjetividade e coletivo passando pelos estados mentais de

observação interna que conectam o dentro e fora de um indivíduo, explorando diferentes tipos de representação do mesmo e de como este observa o mundo. A série perpassa pela imensidão da presença do ser com seu interno e externo ligados por meio de interações consigo e com outros. Desse pensamento pude retirar as noções que norteariam o *Transborda* a ser realizado no sentido de que este expressa a conexão entre as marcas feitas na placa com as do sujeito que são impressas sobre o seu contato com o outro, ou seja, o dentro e o fora se conectando.

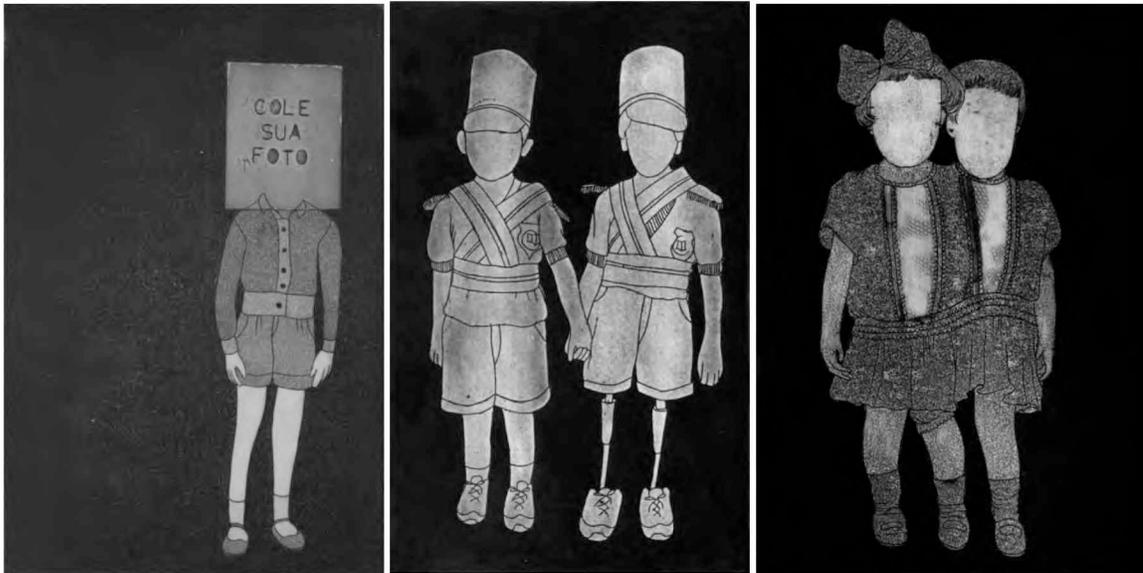


Figura 8: João Oliveira. *Os sentimentos vastos não tem nome*, gravura em metal, 10 x 15 cm (cada), 2011

O mesmo artista possui séries relevantes como *Os sentimentos vastos não tem nome* em que apresenta imagens de crianças vestidas de maneira antiquada com poucos detalhes e sem o rosto, sendo que a primeira imagem faz um convite aberto para que o espectador coloque-se na obra por meio da fotografia 3x4. Percebe-se que nas imagens que se seguem temos a presença estranha das outras crianças, onde uma delas aparece como meninas gêmeas siamesas, um menino vestido de soldadinho acompanhado por outro com a mesma roupa, mas com pernas mecânicas e uma figura indefina de chapéu e avental que nos apresentam diferentes formas indagadoras do eu criança e de suas narrativas de vida, indo de um universo onírico à um real, revelando situações de encontro através da exploração da ligação do espectador com a primeira gravura.

Ao analisarmos isso veremos que as construções imagéticas expostas por ao Oliveira são como repetições de imagens que observamos e formulamos conforme nossa experiência pessoal com base na vivência, o que se deve ao uso de trajés e objetos que conversam com memórias ou

imagens que observamos durante a vida. Assim, podemos observar na produção dessas imagens parte do envolvimento que o artista tem com elas, o que influenciou um trabalho de produção mais subjetiva e voltada para um exame interior das relações estabelecidas com a técnica.

Outra questão importante que se expõe pela produção do artista é a narrativa das vivências que se estabelece por meio das relações que as imagens possuem entre si mediante a sua apresentação em conjunto, construção do traço e relações representacionais, tais como na série comentada, onde todas as imagens são de crianças. Essa narrativa estende-se ao longo dos trabalhos por meio das conexões reflexivas que as séries possuem entre si.

Ao comentar da série *pequenos ritos secretos*, o gravador nos expõe por meio de uma breve reflexão a relação entre seus pensamentos internos e questões de dúvidas que são dolorosas e que estabelecem um vínculo entre o pensamento e as imagens produzidas. Essa descreve processos mentais que conectados pelo tempo- infância e momento presente- realização os ritos rotineiros do pensar de maneira fluida sobre os condicionamentos internos e externos a nós.

As questões alternativas que podemos resolver são sempre as mesmas, que repetimos e submetemos a exame interior até a sua inteira exaustão, numa espécie de expiação interrogativa, em consequência da impossibilidade de ser respondida. A dúvida, mais que a resposta, parece entregar-se às forças exteriores chamadas de sorte, acaso ou predestinação, que em seus agentes autônomos e ignorados entre si, determinam os acontecimentos e se apresentam como única alternativa para o que nós, condenados a esses pequenos ritos secretos de deliberação, nos parece um sinal de fuga ao nosso próprio poder de decisão.

Por meio dessa reflexão podemos retirar os pensamentos que perpassaram a concepção de *Transborda* como um conjunto de sensações e narrativas. A proposta tinha como questão inicial esse ruminar da mente em questões cotidianas abordando as questões relativas a ansiedade e depressão passando por esse encontro com outro e os pensamentos que o pertencem, por meio dessas questões relativas aos pensamentos e sensações chegou-se a questão da narrativa que é apresentada para refletirmos como esses são relativos e podem fazer movimentos de vai e vem a medida que a relação com outro, o abrir-se para o exterior materializam-se em forma de caminhos interiores e exteriores que constroem-se de maneira simultânea.

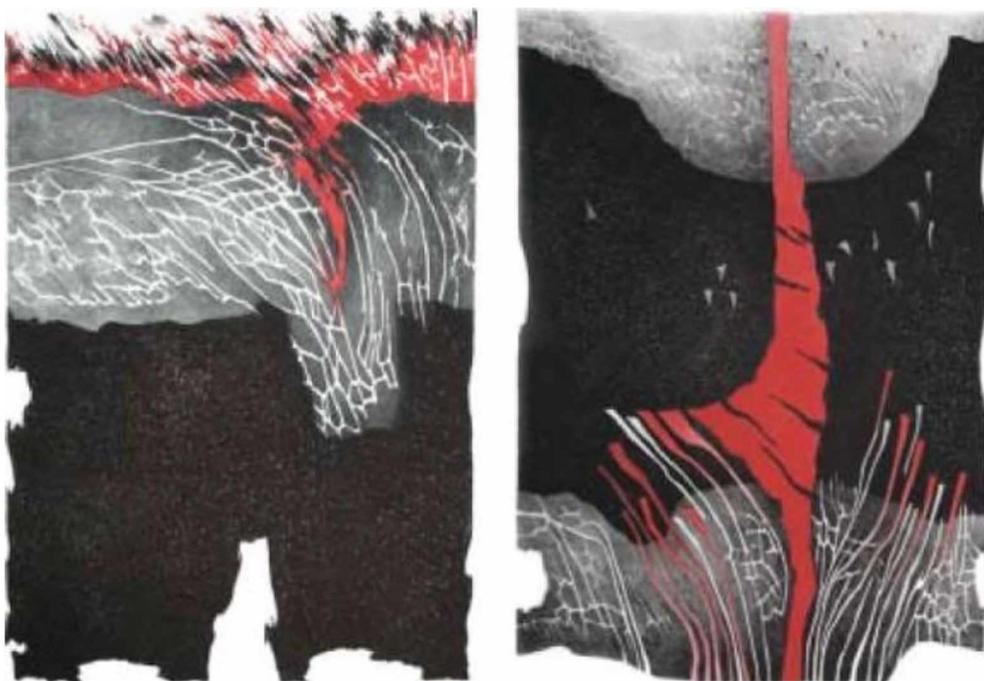


Figura 9: Renina Katz, *O vermelho e o negro*, litografia, 56 x 76 cm (cada), 1995

Renina Katz ajudou-me a pensar a questão da construção dos quadros em maneira narrativa e para a escolha do fragmentado como representação pictórica por meio da série de gravura *O vermelho e o negro*, onde a fragmentação e a presença do contraste entre vermelho e negro, bem como o deslocamento das cores, que modificam-se ao longo de cada gravura gerando uma sensação de movimento que estabelece um vínculo de continuidade entre esses.

Considerações finais:

A obra *Transborda* procura estabelecer uma reflexão que gira em torno do fazer da gravura e questões relacionadas a um projeto poético que tenciona para questões ensimesmadas e que refletem uma relação que acontece entre o eu e seu exterior. Essas questões abrangem a integração das sensações que me perpassam como indivíduo e se colocam como fonte de um conjunto de questões que de determinada forma circundam a vida cotidiana de muitos e suas conexões com seus próprios mundos interiores, sendo assim, ela apresenta um formato aberto que pode e tem a intenção de ser preenchido pela observação do expectador e pelo estímulo em fazê-lo ver-se nesse corpo abstrato.

Por muitas vezes, as questões de fragmentação e rompimento são vistas por um viés negativo, mas nesse caso devem ser observadas como sensações que nos permeiam e buscam expressar de diferentes maneiras de ser por meio de uma busca que envolve ao mesmo tempo um auto conhecimento de limites e de espaços a serem ocupados por outras conexões. Apesar de mostrar-se num primeiro momento com essas conotações a obra aborda de maneira concisa um determinado modo de estar no mundo que estabelece um contínuo que se repete por muitas vezes em um único dia tornando assim uma dinâmica narrativa de entendimento pessoal e do outro.

A abstração que se coloca pelas escolhas relativas a construção da imagem como uma construção de vazios e cheios aborda essa relação dialética entre o fragmentado e o inteiro de forma a questionar os limites do físico por meio das questões relativas as percepções da mente e de seus desdobramentos sobre o corpo a medida que este é que impõe-se como presença exterior, desse modo o trabalho completa-se com a interação que o público e o estabelecimento dessa relação, bem como de possíveis outras.

Referencial Bibliográfico:

Dunker, Christian. Dentro, fora, transfora. Disponível em: <https://ofora.org/acoes/post/Wvoz_CgAANYmWpg_/dentro-fora-transfora>. Acesso em: 7 jul. 2018.

Oliveira, João. Portfólio. Disponível em: <https://issuu.com/joaovelloho/docs/portf_liao_-_2018_issu2>. Acesso em: 7 jul. 2018.

Salles, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 5ª edição revista e ampliada. São Paulo: Intermeios 2011

CHIARELLI, Tadeu. **Objetos Frágeis: a gráfica de Claudio Mubarac**. São Paulo: Gabinete de gravura, 2006.